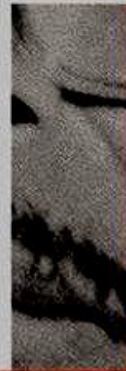


**OS FUZIS
E AS FLECHAS
A HISTÓRIA DE
SANGUE E
RESISTÊNCIA
INDÍGENAS
NA DITADURA**

COMPANHIA DAS LETRAS

**RUBENS
VALENTE**

**COLEÇÃO
ARQUIVOS
DA REPRESSÃO
NO BRASIL**



Os fuzis e as flechas (Companhia das Letras)

- O livro aborda a relação da ditadura militar (1964-1985) com os indígenas no Brasil

- Mais de 80 entrevistados, entre indígenas, sertanistas, indigenistas e antropólogos

- Consulta e pesquisa documental em cerca de 14 arquivos públicos e privados

- Acesso e análise de documentos produzidos pelos braços do SNI (Serviço Nacional de Informações)

- Análise de mais de 180 “dossiês” produzidos pelo SNI sobre servidores e não servidores da Funai

- Viagens a 10 Estados para localização de testemunhas e consultas a arquivos

Principais conclusões

- Alto número de indígenas mortos durante ou logo após os contatos realizados ou por ação direta de agentes do governo militar. Estimativas mais baixas indicam 1.278 mortes.
- Documentos e depoimentos revelam que muitos contatos não foram acompanhados por número suficiente de medicamentos e médicos

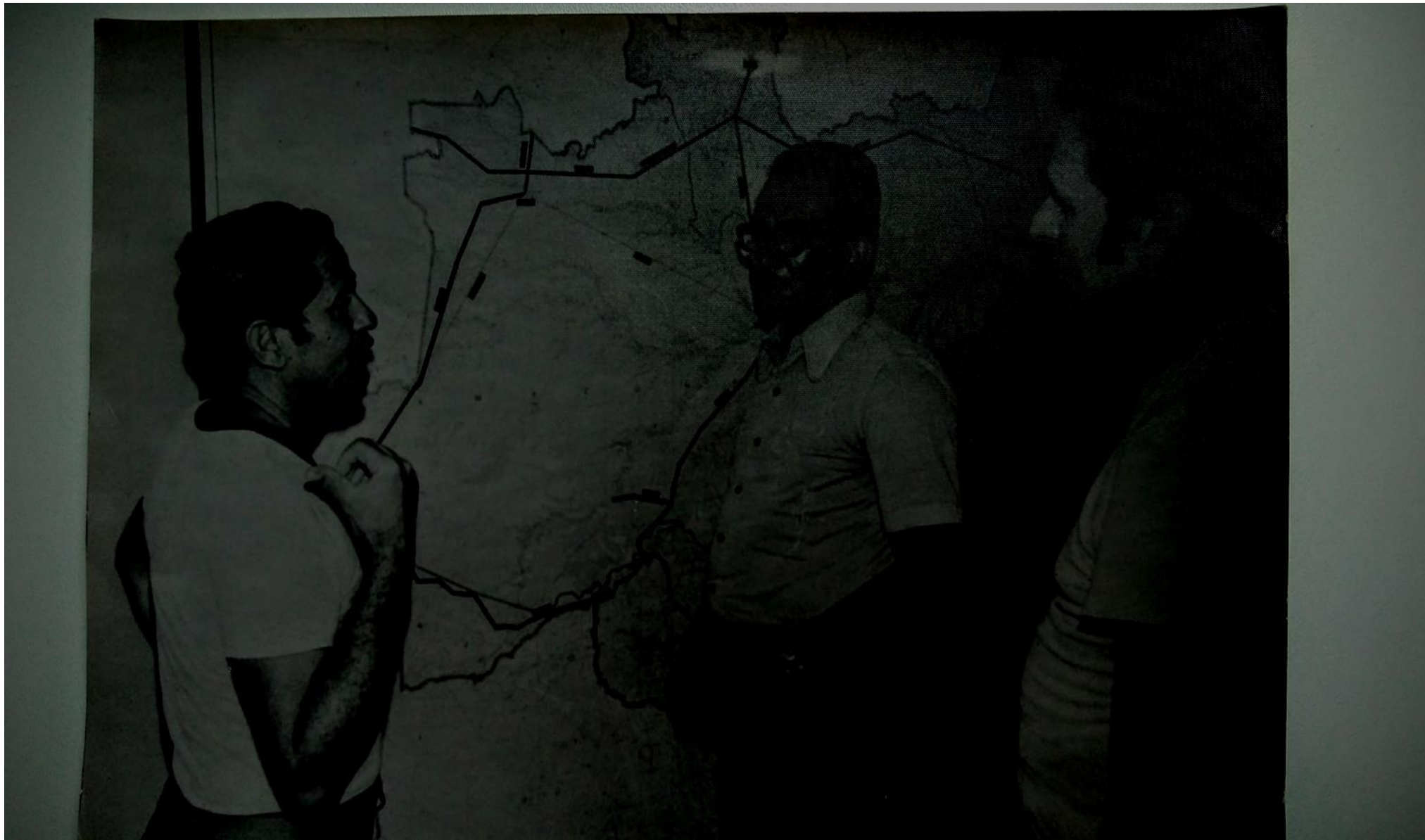
Ano	Etnia	Local	Mín./mortos
1964-1965	KARARAÔS	Pará (Porto de Móz)	40
1964-1965	XIKRIN	Pará (Bacajá)	60
1966	XAVANTE	Mato Grosso (Maraiwetsede)	100
1969	TAPAYUNA	Mato Grosso	45
1969	SURUÍ E CINTA-LARGA	Rondônia	265
1972	ASURINI DO XINGU	Pará	36
1972	PARAKANÃ	Pará	17
1974	WAIMIRI-ATROARI	Amazonas – Roraima	1
1975	WAIMIRI-ATROARI	Amazonas – Roraima	240

1981	WAIMIRI-ATROARI	Amazonas – Roraima	21
1976	ARAWETÉ	Pará – rio Xingu	48
1979	TENHARIM	Amazonas	20
1974	PANARÁ	Mato Grosso	110
1975	PANARÁ	Mato Grosso (Parque do Xingu)	10
1975	YANOMAMI	Roraima (Arapishi)	22
1977	YANOMAMI	Roraima (Jundiáí-Lobo d'Almada)	68
meados dos 70	YANOMAMI	Roraima (Apiaú)	100
1975	KORUBO	Amazonas	2
1974	NAMBIKWARA	Mato Grosso (grupo Waikisu)	6
1975	NAMBIKWARA	Mato Grosso (grupo alantesu)	6

1979	NAMBIKWARA	Mato Grosso (grupo de Sararé)	11
1978	OFAIÉ-XAVANTE	Mato Grosso do Sul (Bodoquena)	3
1979	GUARANI-KAIOWÁ	Mato Grosso do Sul (caminhada para Jacaré)	2
1980	GUAJÁ	Maranhão	30
1980	GUAJÁ	Maranhão (transferência do rio Pindaré)	3
1982	ARARA	Pará	7
1982	SATERÊ-MAWÊ	Amazonas	4
1984	MASKO	Acre	1
TOTAL			1.278

Principais conclusões

- Os contatos que resultaram em mortes foram feitos para a abertura de estradas e rodovias, construção de hidrelétricas e criação de núcleos de colonização
- As obras eram realizadas sem prévio consentimento dos índios e obedeciam a um plano de integração da Amazônia. Muitas se revelaram mal planejadas, como a construção da Transamazônica



1975: general Bandeira de Mello, presidente da Funai, mostra a auxiliares o plano de rodovias que cortariam terras indígenas na Amazônia



O general Bandeira de Mello, presidente da Funai, mostra o traçado das rodovias que iriam cortar terras indígenas na Amazônia



Obras eram feitas com acompanhamento de soldados armados de fuzis.
Foto mostra a abertura da BR-174 (Manaus-Boa Vista)

Principais conclusões

- Os índios se misturavam aos canteiros de obras e operários e contraíam doenças que ainda não conheciam
- Uma vez definidas as obras, sertanistas da Funai tinham que contatar e afastar os indígenas do traçado das rodovias

•Sertanista Itamar Benigno Pessoa, de Altamira, que integrou frentes de atração da Funai nas obras da Transamazônica

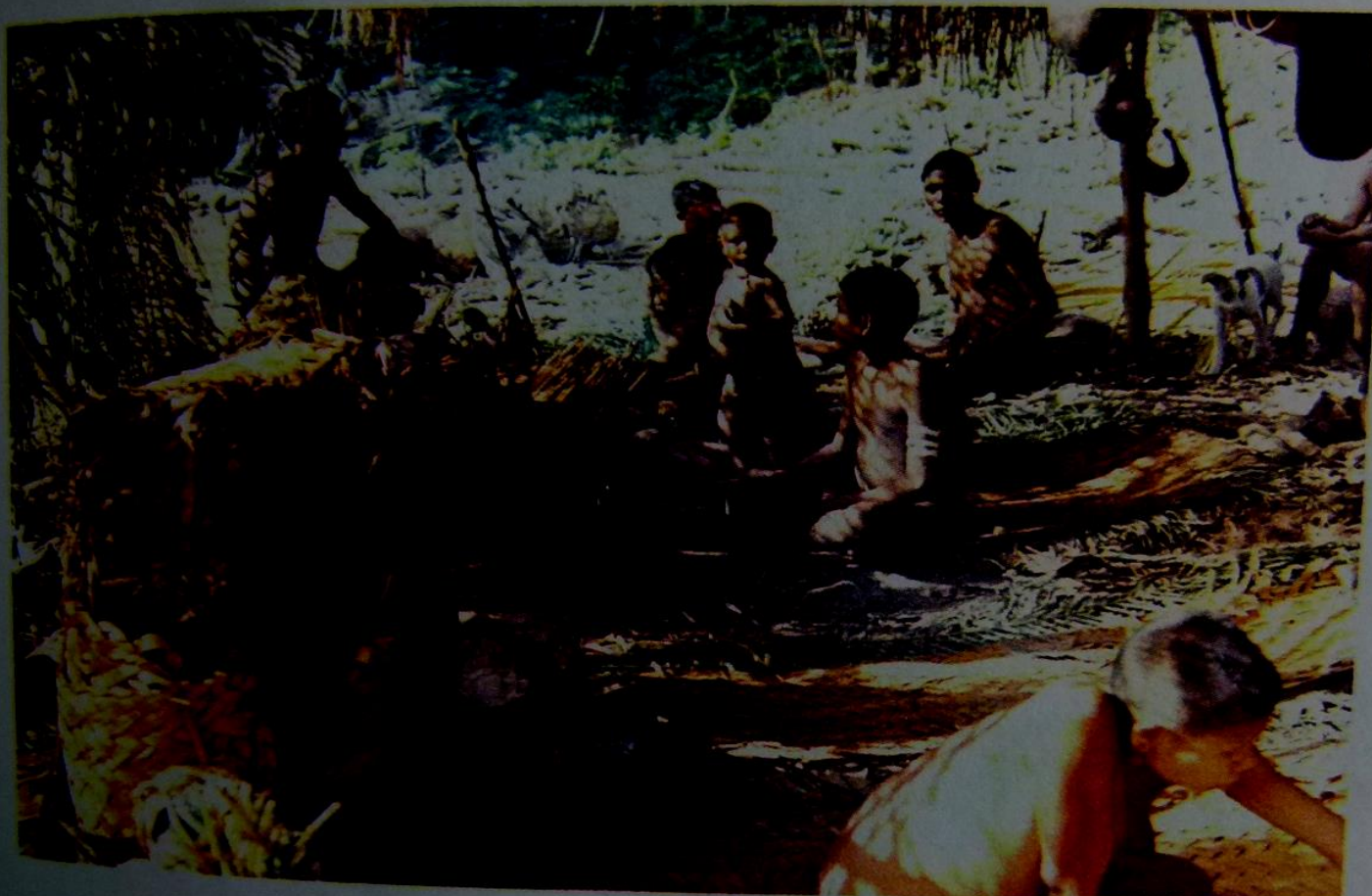
“Foi um momento de muita urgência. [Na Transamazônica] não foi feita uma coisa antecipada com os índios, ‘olha, vamos primeiro fazer o contato, depois...’ Nada, a obra foi indo e a Funai no meio daquele fogo cruzado. ‘Tem que ser rápido, tem que ser rápido’, os militares falando isso. A pressão era muito grande. E funcionava tudo com ordem de militar, aqui [em Altamira] era um coronel, em Itaituba era coronel, em Tucuruí outro coronel”.

DEZ 73



Panará na estrada (BR-165) à época do contato.
Foto: Arquivo Funai.

Fotografia que integra processo na Funai mostra índios Panará na época do contato e da abertura da rodovia Cuiabá-Belém



Casa Panará à época do contato - 1973.
Foto: Arquivo Funai.

Fotografia que integra processo na Funai mostra índios Panará na época do contato e da abertura da rodovia Cuiabá-Belém

Principais conclusões

- Índios Panará (Mato Grosso): pelo menos 110 índios mortos após o contato
- Segundo Orlando Villas Boas, a população Panará no contato era de 200 índios



Os Panará passaram a pedir esmolas na beira da rodovia Cuiabá-Santarém. Foto: Orlando Britto

Principais conclusões

- No começo de 1975, o Exército decide transferir os índios Panará sobreviventes à pressas para o Parque do Xingu
- Depois que chegam ao Parque, mais 10 Panará morrem por problemas de saúde



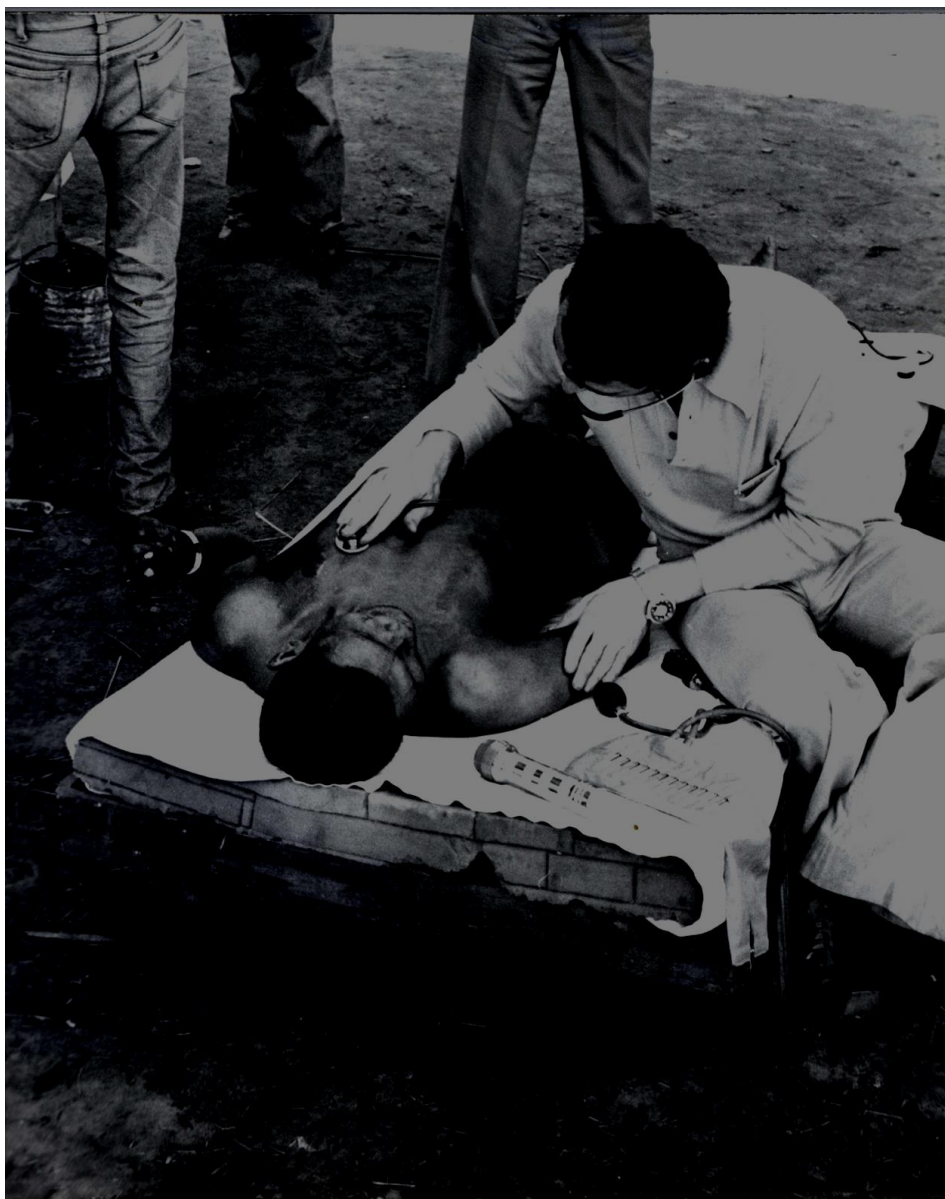
Fotografias da Funai mostram transporte de índios Panará em aviões da FAB



Fotografias da Funai mostram a chegada dos índios Panará ao Xingu, transferidos em emergência sanitária



Fotografias da Funai mostram a chegada dos índios Panará ao Xingu, transferidos em emergência sanitária

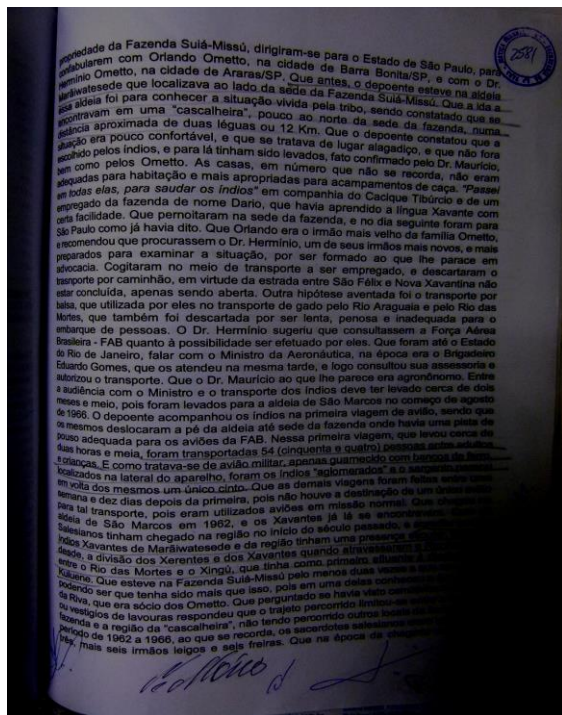


Fotografias da Funai mostram a chegada dos índios Panará ao Xingu, transferidos em emergência sanitária

Principais conclusões

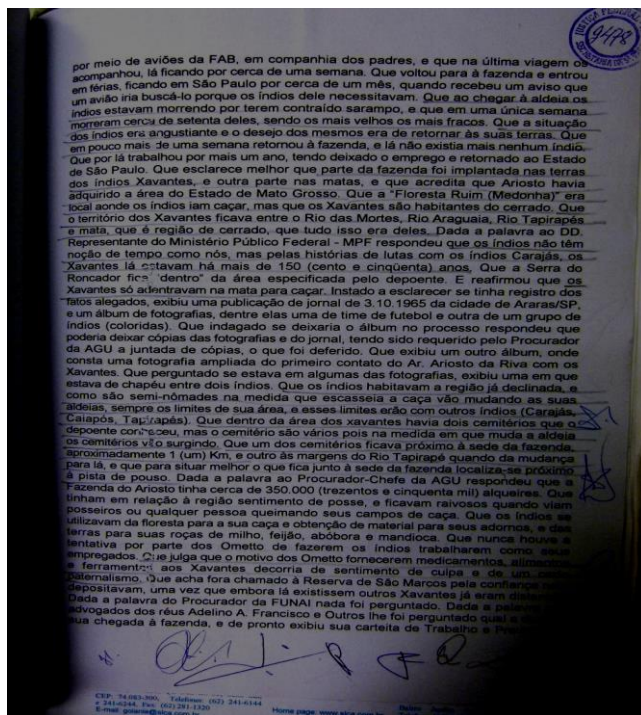
- Transferência autorizada pelo alto comando da Aeronáutica para retirar índios xavante da região de Marãiwetsede
- Operação causou de 100 a 160 mortos, segundo depoimentos diversos

Depoimento do padre Mario
Ottorino Panziera nos autos do
processo nº 95.0000679-0, que
tramita na Justiça Federal de
Mato Grosso



“[O ministro da
Aeronáutica Eduardo Gomes]
os atendeu na mesma tarde, e
logo **consultou sua assessoria e
autorizou o transporte.** [...] Entre a audiência com o
ministro e o transporte dos
índios, deve ter levado cerca de
dois meses e meio.”

Depoimento de Dario Carneiro,
funcionário da Fazenda Suiá-
Missú, nos autos do processo nº
95.0000679-0



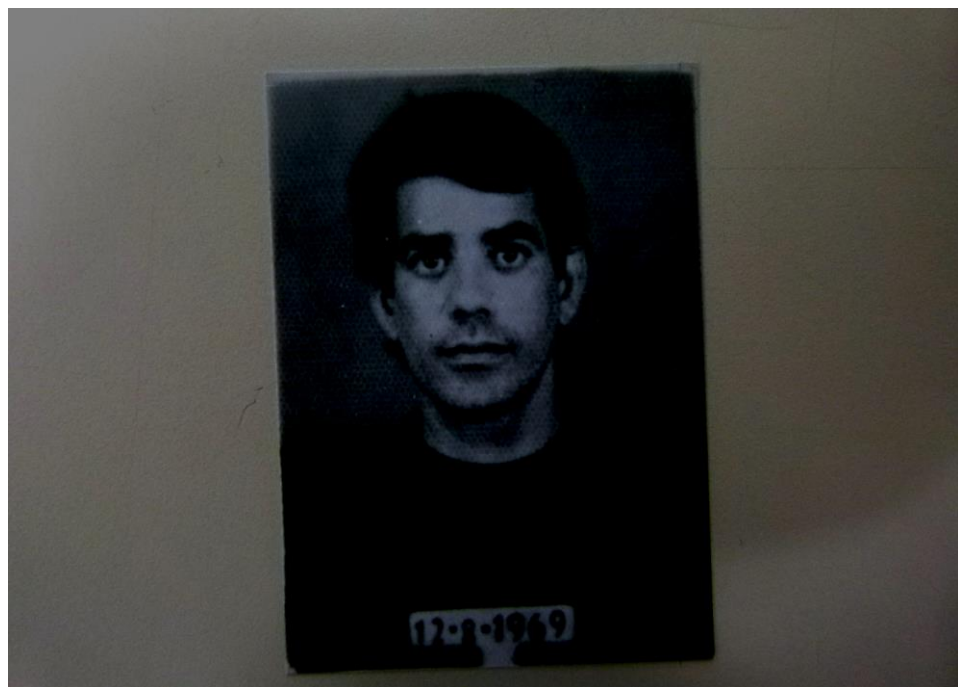
“Ao chegar à aldeia, os índios estavam morrendo por terem contraído sarampo, e que em uma única semana morreram cerca de setenta deles, sendo os mais velhos os mais fracos. A situação dos índios era angustiante e o desejo dos mesmos era retornar à suas terras.”

Principais conclusões

- Índios Asurini do Xingu (Pará): de 36 a 54 índios mortos para a abertura da Transamazônica

- Na época do contato, os irmãos Lukesch contabilizaram 74 índios asurini em apenas uma aldeia

•Relatório do sertanista Antonio Cotrim Soares, responsável pela atração dos índios asurini do Xingu, de 11/05/1971

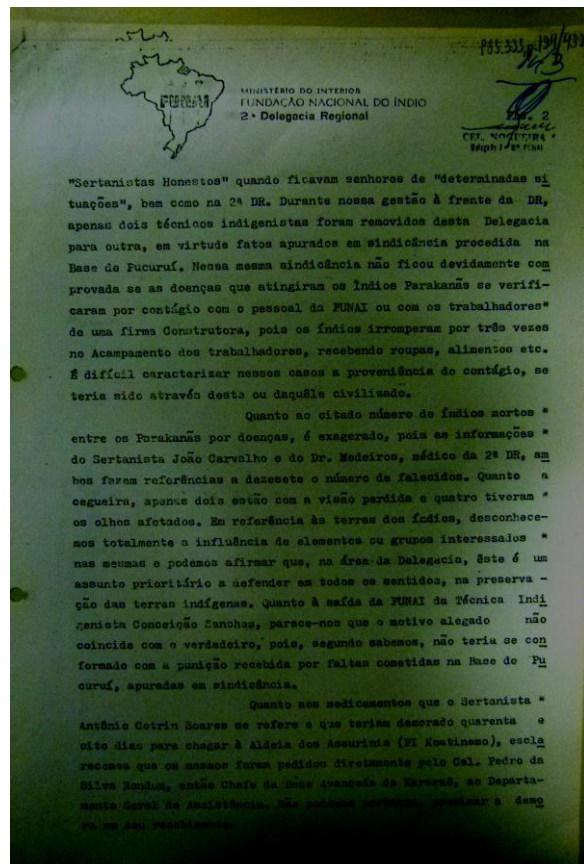


“Hoje lamentamos a perda de 12 (doze) vidas humanas, amanhã, serão dezenas, caso a retaguarda permaneça letárgica; quando despertar já não haverá necessidade, pois não existirá razão de existir, já que não haverá índios. [...] Ao menos os corpos seriam paramentados, enfeitados como pierrots, e enxadas que facilitaríamos a tarefa do sepultamento. Triste ironia do destino, transformaram-me involuntariamente em coveiro de índios. Eis o epílogo desta situação de contato; povo condenado pelo fatalismo ao desaparecimento. Quem não estava preparado para o contato, nós ou eles?”

Principais conclusões

- No contato com índios Parakanã para a construção da Transamazônica, 17 mortos e dois índios cegos
- Documentos da época revelam que a ditadura tomou conhecimento das mortes, mas as negou em entrevistas à imprensa

Relatório confidencial do coronel Antônio Augusto Nogueira, delegado da 2ª DR/Funai, de 1972



"Quanto ao citado número de **índios mortos entre os Parakanãs por doenças**, é exagerado, pois as informações do sertanista João Carvalho e do dr. Medeiros, médico da 2ª DR, **ambos fazem referência a dezessete o número de falecidos. Quanto à cegueira, apenas dois estão com a visão perdida e quatro tiveram os olhos afetados**"

Principais conclusões

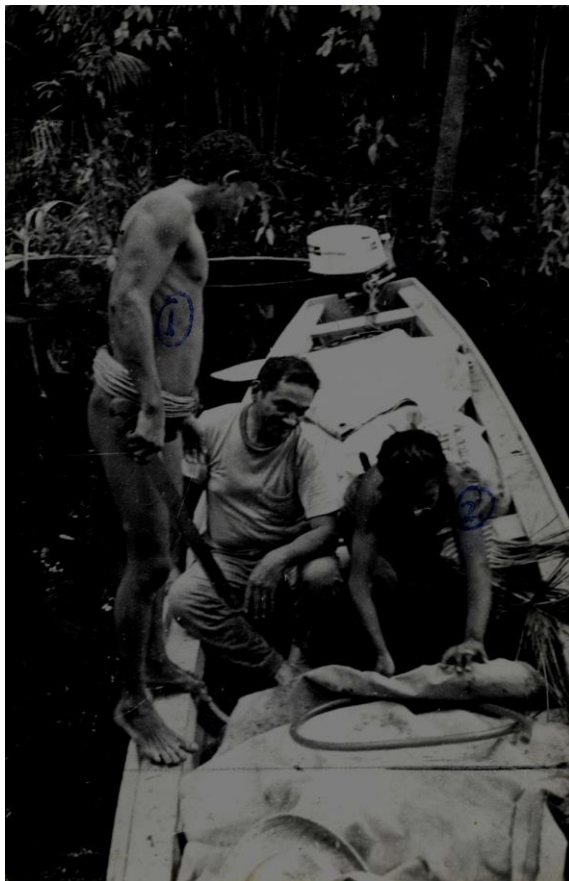
- Estimativa de 240 mortos, no mínimo, de índios waimiri-atroari. Três militares reconheceram em entrevistas ter tomado conhecimento de que índios morreram a tiros por soldados do Exército durante a obra da BR-174
- O coronel da reserva Altino Berthier Brasil calculou de 40 a 50 índios mortos por conflitos armados

•Coronel do Exército da reserva
Altino Berthier Brasil,
subsecretário de Segurança do
Amazonas de 1972 a 1975 e
morador da BR-174



“Olha, foram mortos por encontros armados, de um lado e de outro. Acho que para se contar essa história, ali no Amazonas o que houve foi uma disputa de território. [...] Eu conversava com meus amigos militares e eu vi o sofrimento deles. E a paciência que eles tinham. De repente, surgia do mato alguns índios e havia confrontos esporádicos, corre-corre e tal. E assim foi. [...] Eles estavam trabalhando com foice, com facão, lá na frente, e de repente levavam uma flechada. E daí o companheiro do lado já atirava.”

•Entrevista do sertanista
Gilberto Pinto Figueiredo
divulgada em 1974



*“Estou cansado de ilusões;
se peço mais gente, não me dão;
se peço aumento de salário para
o pessoal, também me negam.
Quem é que quer ir para o
mato, sofrer, ficar longe da
família para ganhar um
ordenado de fome? Eu vou
porque é a minha profissão. [...] **Falta pessoal especializado e
experimentado em lidar com os
índios. Os postos de atração não
oferecem segurança nenhuma.**
Os homens ficam abandonados
em plena mata, sem qualquer
condição de reagir a um
ataque.”*

Principais conclusões

- Houve casos de contato com grupos indígenas por razões pouco explicadas ou necessárias
- Em 1964, meses após o golpe de 1964, o coronel Jarbas Passarinho autorizou uma operação de contato com os índios Kararahô, que estariam incomodando moradores no interior do Pará

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

Nº 53

26, JUNHO, 1974

A EXTINÇÃO DOS ÍNDIOS KARARAÔ (KAYAPÓ) —
BAIXO XINGU, PARÁ

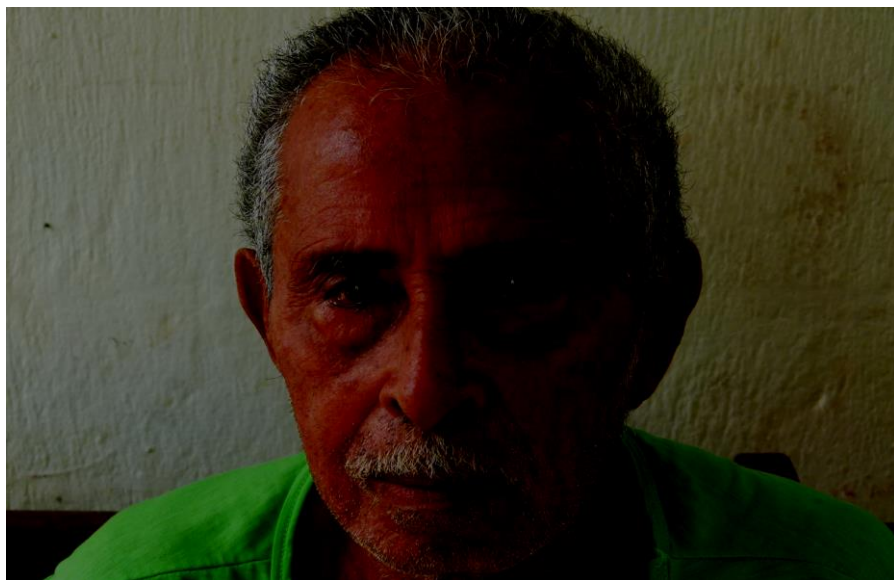
Expedito Arnaud (*)
Museu Goeldi

Ana Rita Alves (*)
Museu Goeldi

RESUMO — Aborda o grupo indígena Kararaô (Kayapó) localizado no rio Jaraucu, afluente do rio Xingu (Município de Porto de Moz - Pará). Apresenta uma caracterização da área regional; as cisões ocorridas no seio do grupo; a pacificação; aspectos culturais; a ação desenvolvida pelo Posto do S.P.I. junto aos mesmos, desde 1965 até a sua extinção em 1970.

•Morreram cerca de 43,
dos 48 índios kararaô.
Boletim do Museu
Paraense Emilio Goeldi de
junho de 1974, produzido
por Expedito Arnaud e
Ana Rita Alves, anunciou
“A extinção dos índios
Kararaô” no Baixo Xingu

•Sertanista Afonso Alves da Cruz, o “Afonzinho”, que atuou no contato dos índios kararaô entre 1964 e 1965

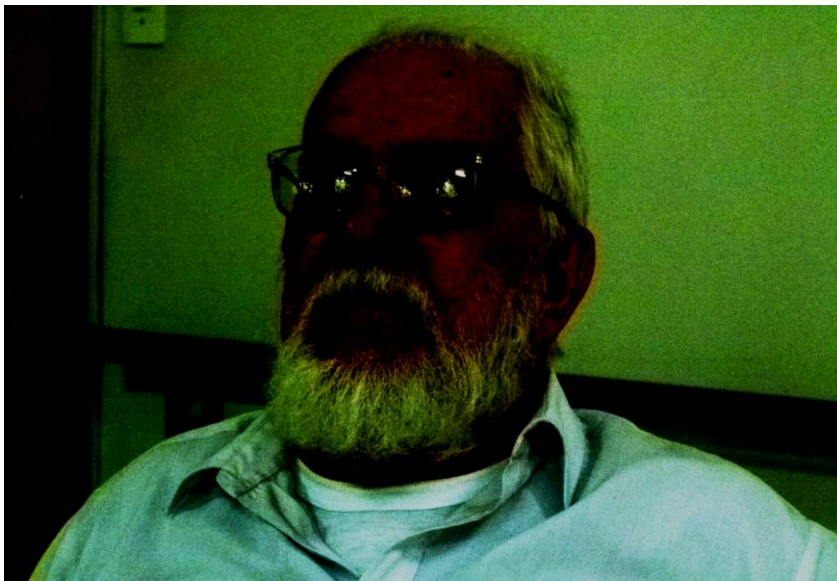


“Quando chegamos lá, o pessoal estava morto. Os kararaô. [...] Vi [os corpos]. Sei que eles eram 48. Estavam sendo enterrados dentro de casa. Eles cavaram essas sepulturas dentro de casa mesmo, não fora. Não tinham condições de caminhar, de fazer nada.[...] Eles eram 48, morreu tudo os 48, ficou só 7 [vivos] dos 48, que estavam em Porto de Moz.”

Principais conclusões

- Contato com índios Tapayuna (Mato Grosso) resultou em dezenas de mortos após um surto de gripe levado por jornalista convidado da Funai que não foi corretamente isolado quando a doença foi percebida
- Morreram de 45 a mais de 100 índios logo após o contato, em 1969

.Depoimento do padre
Antonio Iasi Jr. à CPI do Índio
no Congresso em
13/09/1971.

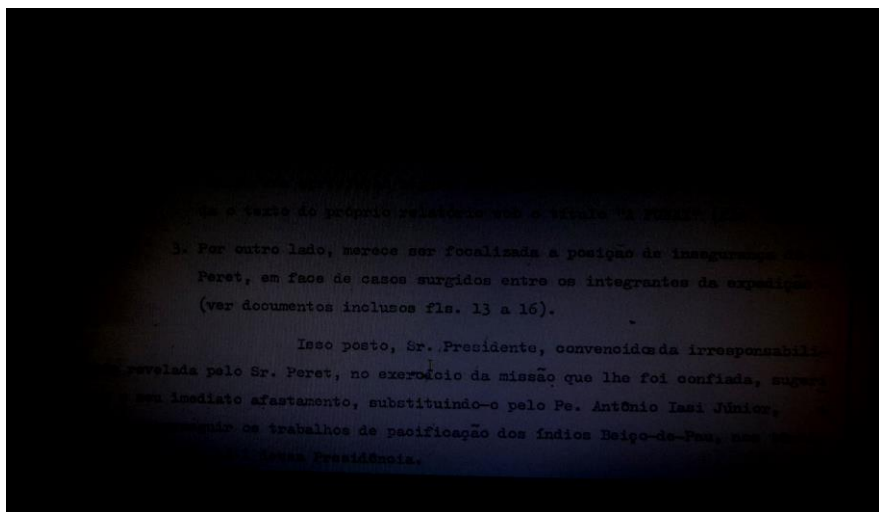


*“fui encontrando
cadáveres insepultos,
esqueletos de índios [...]”*
*Conseguí reunir 45
corpos. Talvez fossem uns
cento e poucos.”*

Principais conclusões

- Documentos inéditos mostram que a ditadura tomou conhecimento das mortes de indígenas ao tempo em que ocorriam
- Como no caso dos Tapayuna, relatório confirma que o próprio governo foi responsável por erros que levaram à morte dos índios

Parecer datado de
18/08/1969 do diretor do
Departamento de Assistência
da Funai, Darcy Mesquita da
Silva



***"Lamentavelmente
constata-se agora,
com a leitura deste
relatório e pelos
depoimentos verbais
do referido servidor
que foram cometidas
falhas gravíssimas,
culminando com a
perda irreparável de
preciosas vidas".***

•Defesa do sertanista João Peret em que reclama da falta de condições básicas de trabalho

“Não compete ao sertanista sair por aí contratando médicos, enfermeiros, laboratoristas, assistentes sociais etc e, sim, ao Departamento competente, com as providências do Departamento de Assistência.”

Em ambos os despachos, não compete ao sertanista sair por aí contratando médicos, enfermeiros, laboratoristas, assistentes sociais etc.; e, sim, ao Departamento competente, com as providências do Departamento de Assistência.

Mesmo assim, contatos foram feitos por mim, tendo em vista o pedido pelo MEM 8/NE, de 25/5/69, ao Sr. Presidente, o seguinte: “O ALANER MONTEBELLO COMO ENFERMEIRO, CASO A FMI NÃO TENHA OUTRA

Principais conclusões

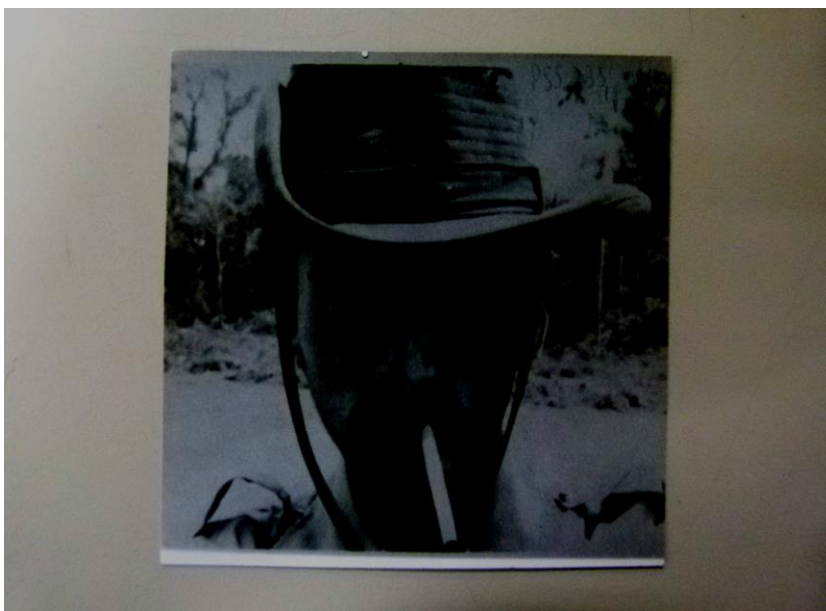
- As mortes continuavam acontecendo mesmo após os contatos realizados pelo governo
- Registros da ONG norte-americana SIL indicam pelo menos 65 índios suruí́s mortos quando estavam sob a tutela da ditadura militar

Agenda do casal norte-americano Willem e Carolyn Bontkes do período 24/outubro a 21/dezembro de 1972

"Frequentemente visitamos os índios doentes acampados em redor do Posto, a fim de dar-lhes assistência da FUNAI. Muita doença entre os índios. Pelo menos 10 índios Suruí morreram neste período. Bill foi caçar com os índios várias vezes. Escassez de comida para os índios do Posto".

Subprograma Suruí (cont.)		Data do início do programa situação julho de 1970		
Localidade (Posto ou área) — S.T. Base do Posto		DR — 8	Equipe — Willem Bill e Carolyn Bontkes	
Data	Permanência efetiva na área	Situação geral e atividades	Estágio do programa ou material produzido	Observações
continuação 6 de fev. a 15 mar. 1972		Des 39 dias no Posto, houve 8 dias sem nenhum índio.		
16 de março a 15 abril 1972			Estudos lingüísticos parados por falta de material.	FVH- centro de SIL. Construção da nossa casa e melhoras (prateleiras da cozinha, assento do quarto de dormir e quarto de estudo).
17 abril a 5 jun. 1972	7 semanas	A vezes não havia índios no Posto. Alguns índios chegaram no Posto dizendo que havia índios doentes acampados a não muito distância.	Gravamos mais canções dos índios. Aprendizagem da língua, primeiras conjugações de verbos colhidos.	Ajudamos com assistência médica aos índios. Visitamos índios doentes acampados a 3 horas de distância (A p.), aplicamos soros e outros remédios. Pelo menos três índios faleceram.
6 de jun. a 7 jul. 1972				FVH- centro de SIL. Bill trabalhou no interior da nossa casa: Fizemos camas para 2 tribos
7 jul. a 2 set. 1972	8 semanas	Índios visitando o Posto, ainda não permaneceram.	Aprendizagem da língua, gravamos canções.	Fizemos 2 visitas de assistência médica aos acampados dos índios, uma de 4 dias (7 horas à ps), e outra de 7 dias (12 horas à ps). Saúde geral dos índios piorando. Pelo menos 13 índios morreram neste período.
3 set. a 30 nov. 1972				FVH- centro de SIL. Dois rapazes Suruí ficaram conosco no centro durante uma semana (23 a 29 de set.). Carolina doente vários dias antes de entrar na tribo.
30 nov. a 21 dez. 1972	7 semanas	Estudos limitados por causa de doenças dos índios. Carolina estava doente de malária na viagem para a área.	Aprendizagem da língua	Frequentemente visitamos os índios doentes acampados em redor do Posto, a fim de dar-lhes assistência da FUNAI. Muita doença entre os índios. Pelo menos 10 índios Suruí morreram neste período. Bill foi caçar com os índios várias vezes. Escassez de comida para os índios do Posto.

• Caderno de anotações do sertanista Apoená Meireles, responsável pelo contato com cinto-larga e suruí, citado no livro de Lilian Newlands

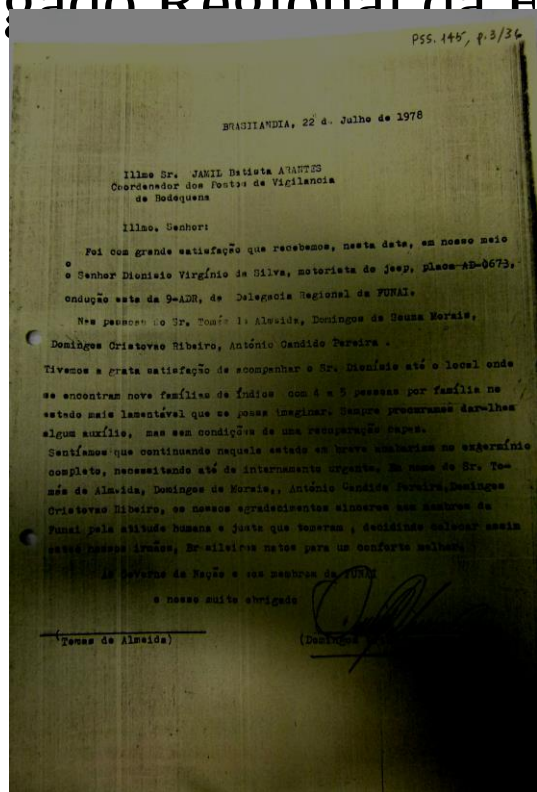


*“Não posso aceitar ser o veículo de extermínio de nossos índios sem dar-lhes chance de me destruírem, arrebentarem minha cabeça, meu interior ferido pela cacetada de suas bordunas, e então, em meio ao meu próprio sangue ainda **pedirei perdão pelas vidas indígenas desaparecidas após contatá-las. Jamais esquecerei o surto de sarampo nos Suruí do [posto indígena] Sete de Setembro,** e desejo por isso que possa um dia morrer lutando ao lado dos índios ou ser morto por eles. Para mim, não existe diferença, tudo o que fizer ainda será pouco”*

Principais conclusões

- Política institucionalizada de transferência compulsórias de indígenas ou grupos indígenas inteiros
- Remoções de índios guaranis e ofaié-xavante no atual Mato Grosso do Sul, na área da Itaipu Binacional, no Paraná, e de Nambikwara, em Mato Grosso, entre outros casos

Carta enviada de Dourados, em 21/09/1978, de Sinebaldo José de Lucia, procurador da Companhia Mate Laranjeira, ao 9º Delegado Regional da Funai

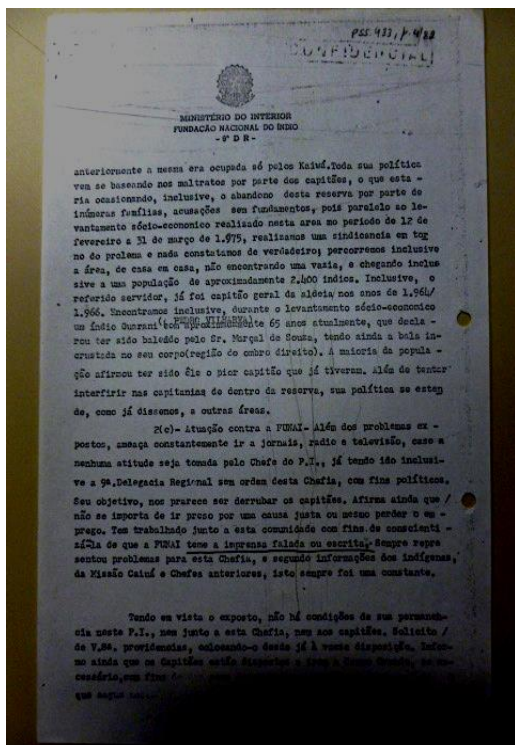


“Foi com satisfação que recebemos a visita de seu assistente, o sr. Dionisio Verginio da Silva, que veio em nome da Funai, delegacia de Campo Grande, para fazer a remossão [sic] de diversas famílias indígenas para a reserva de Bodoquena.

“O mesmo retirou da fazenda o total de 121 indios da tribo KAIWA, distribuídos em 33 homens 38 mulheres e 50 crianças, sendo 25 do sexo feminino e 25 do sexo masculino.”

Principais conclusões

- Transferências autorizadas para calar líderes que apresentassem reivindicações dos índios, como o pataxó hã-hã-hãe Samado, na Bahia, removido para Minas Geras.
- Documento que determinou a punição ao líder guarani Marçal de Souza:



“-2 (c) – Atuação contra a FUNAI – Além dos problemas expostos, ameaça constantemente ir a jornais, rádio e televisão, caso a nenhuma atitude seja tomada pelo Chefe do PI, já tendo isso inclusive à 9ª Delegacia Regional sem ordem desta Chefia, com fins políticos. Seu objetivo, nos parece ser derrubar os capitães. Afirma ainda que não se importa de ir preso por uma causa justa ou mesmo perder o emprego. Tem trabalhado junto a esta comunidade com fins de conscientizá-la de que a FUNAI teme a imprensa falada ou escrita. Sempre representou problemas para esta Chefia, e segundo informações dos indígenas, da Missão Caiuá e Chefes anteriores, isto sempre foi uma constante”.

Relatório Confidencial do chefe do PI Dourados, Idevar José Sardinha, datado de 31 de março de 1975

Principais conclusões

- Militarização de indígenas e criação de uma Guarda Rural Indígena
- Criação de duas prisões indígenas em Minas Gerais que eram usadas também para punir líderes indígenas





Reconhecimento do Estado

•Algumas das recomendações da Comissão Nacional da Verdade (2014):

“Pedido público de desculpas do Estado brasileiro aos povos indígenas pelo esbulho das terras indígenas e pelas demais graves violações de direitos humanos ocorridas sob sua responsabilidade direta ou indireta no período investigado, visando a instauração de um marco inicial de um processo reparatório amplo e de caráter coletivo a esses povos.”

- Não atendida

Reconhecimento do Estado

•Algumas das recomendações da Comissão Nacional da Verdade (2014):

•“Instalação de uma Comissão Nacional Indígena da Verdade, exclusiva para o estudo das graves violações de direitos humanos contra os povos indígenas, visando aprofundar os casos não detalhados no presente estudo.”

•-Não atendida

Reconhecimento do Estado

•Algumas das recomendações da Comissão Nacional da Verdade (2014):

“Proposição de medidas legislativas para alteração da Lei no 10.559/2002, de modo a contemplar formas de anistia e reparação coletiva aos povos indígenas.”

-Não atendida

Contatos:

•E-mail: **rubens.valente@grupofolha.com.br**

•Twitter: **@rubensvalente**

•Facebook: Página do livro “Os fuzis e as flechas”

•<https://www.facebook.com/Os-fuzis-e-as-flechas-281271215636054/?ref=bookmarks>